

A MULHER NA POLÍTICA: O CASO DE NEUZA BEZERRA, NA CIDADE DE CUITÉ, DURANTE O PERÍODO DA DITADURA MILITAR

Victor da Rocha Silva Júnior

Acadêmico da Universidade Estadual da Paraíba – UEPB

Junior.10silva@hotmail.com

ST 17: Família, poder e política: A disputa por hegemonia em práticas e representações.

Resumo

Cuité, cidade do interior da Paraíba, fundada no século XVIII, teve seu primeiro prefeito no ano de 1936. Em 1969, o Brasil vivia uma ditadura militar, marcada pela censura e opressão, onde o machismo era predominante sendo as mulheres ainda minoria na participação política. Na contrapartida do país, em Cuité, Neuza Bezerra Santos é eleita a primeira mulher prefeita no município e a segunda no Estado da Paraíba, mandato ainda hoje lembrado pela conquista do protagonismo feminino.

Palavras-chave: Mulher. Política. Ditadura militar.

Cuité, cidade situada no Curimataú Paraibano, que tem sua fundação por volta 1768, quando o Coronel Caetano Dantas e sua esposa dona Josefa Araújo, doaram um terreno para a construção de uma capela dedicada a Nossa Senhora das Mercês, tendo seus habitantes organizados em torno desta e recebeu o nome de “Serra de Cuité”, em 1827 passa a ser um distrito, ficando com essa nomenclatura até 1854, quando passou a ser “vila do Cuité” e em 18 de dezembro de 1935 foi, pelas mãos do Argemiro de Figueiredo denominada Cidade, teve o seu primeiro prefeito Pedro Viana da Costa, oficialmente empossado em 1936.

No Brasil a mulher tem um histórico de submissão ao homem, uma sociedade marcada pelo patriarcalismo tem suas raízes fixadas na família heteronormativa. Diversas lutas aos longos dos anos foram travadas para as mulheres conquistarem o espaço político, esses embates ficavam ainda mais enfáticos, quando em nome da moral e bons costumes, a submissão da mulher continuava como “o certo a se fazer”, como disse o Senador Muniz Freira sobre a liberação do voto feminino: “Essa aspiração se me afigura imoral e anárquica. No dia em que a convertêssemos em lei pelo voto do Congresso, teríamos decretado a dissolução da família brasileira” (*apud* Toscano, 1975, p. 35). Repare que a sociedade patriarcal era a ideologia

dominante em que a mulher deveria continuar a ser sinônimo de trabalhos domésticos, e a sua mais nobre missão, a maternidade.

Só teve a conquista do voto em 1932 – É importante lembrar, que no Rio Grande do Norte, as mulheres já tinham participação política - , no governo de Getúlio Vargas, como diz o Art. 2º do decreto nº 21.076, de 1932: “É eleitor o cidadão maior de 21 anos, sem distinção de sexo, alistado na forma deste Código.” esse feito é histórico não significa que a mulher estava livre de todas as amarras do machismo, tendo em vista o decreto só liberar voto a mulheres casadas (Com a liberação do marido), viúvas ou solteiras que possuíssem renda própria, isso só vem a ser alterado em 1934, quando os proveitos financeiros e a condição civil foi retirada da lei eleitoral, e só em 1946, que o voto passou a ser obrigado a todos.

30 anos depois de uma histórica alteração política no Brasil, em 1964 o país sofre um golpe de Estado resultado de uma articulação entre civis e militares, que depuseram o presidente em exercício João Goulart do Partido Trabalhista Brasileiro, que tinha assumido a presidência em 1961, devido a renúncia de Jânio Quadros. Jango – Como ficou conhecido - tinha uma relação muito próxima com os movimentos sindicais, por esse motivo foi considerado comunista, este também não agradava aos Estados Unidos, por eles considerado um político “muito à esquerda”. Os embates entre a oposição e situação ficam mais sérios quando em 13 de março de 1964, o presidente Jango realiza o **Comício da Central do Brasil**, que mobilizou em torno de 200 mil pessoas que apoiavam as reformas de base propostas pelo governo, destaca-se a presença da UNE e CGT – União Nacional dos Estudantes e Comando Geral dos trabalhadores - ambos já tidos como subversivos comunistas. Posteriormente a base conservadora reagiu, e apenas 6 dias depois, em 19 de março, realizam a **Marcha da Família com Deus pela liberdade**, contra o governo de Jango e sua proposta de reforma de base, e principalmente contra o comunismo, estes pediam a intervenção dos militares, como relata Daniel Aarão Reis:

Primo, as Marchas da Família com Deus pela Liberdade, quando tudo começou. Milhões marcharam.

Quinhentas mil pessoas em São Paulo, antes do golpe, em 19 de março de 1964. Um milhão no Rio de Janeiro, em 2 de abril, na então chamada Marcha da Vitória. Depois, mais dezenas e dezenas de milhares. Marcharam as gentes até setembro de 1964. Não houve cidade grande que não tivesse a sua marcha, sem contar muitas cidades médias e pequenas;

Em 31 de março, uma rebelião liderada por militares iniciou a tomada do poder, e em 9 de abril, o ato institucional nº1, determinava o governo militar:

“O Ato Institucional que é hoje editado pelos Comandantes-em-Chefe do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, em nome da revolução que se tornou vitoriosa com o apoio da Nação na sua quase totalidade, se destina a assegurar ao novo governo a ser instituído, os meios indispensáveis à obra de reconstrução econômica, financeira, política e moral do Brasil, de maneira a poder enfrentar, de modo direto e imediato, os graves e

urgentes problemas de que depende a restauração da ordem interna e do prestígio internacional da nossa Pátria.”

(Trecho da introdução ao AI1)

Em 1962 a instituição do AI- 2 declarava o fim do pluripartidarismo, com a extinção do vasto número de partidos políticos, resulta na mesclagem de todos as opiniões e ideias em apenas dois partidos, a Aliança Renovadora Nacional – ARENA, que faria situação à ditadura militar e o Movimento Democrático Brasileiro – MDB, que seria a oposição ao regime. Este período foi marcado pela forte repressão, censura e torturas, sobretudo a partir de 1968, com o ato institucional nº5 durante o governo de Costa e Silva, conhecido como período “linha dura”, devido à forte repressão aos que se colocavam a quem era contra a ditadura militar.

Nesse período a participação feminina nas decisões se tornaram novamente quase escassas, a ascensão de movimentos cristãos conservadores a dominação do homem tornou-se ainda mais visível, quando muito das decisões eram tomadas em nome da “Família tradicional Brasileira” - heterossexual -, que tem o homem como principal membro e colocam a mulher mais uma vez como submissa, o homem deveria ir ao trabalho e a ele cabia o sustento da casa, para a mulher ficava o lar e a submissão ao homem, isso também incluído a atividade política.

Neuza Bezerra Santos, nasceu em 29 de novembro de 1939, na Cidade de Catolé do Rocha, sendo a quarta filha, de uma família composta por doze filho, do casal Euclides Bezerra Cavalcanti e Maria Eterna Sampaio Cavalcanti. Seu Euclides, começou ainda criança a trabalhar como comerciante ambulante nas feiras das cidades próxima a Esperança, Dona Eterna, era uma mulher do lar, como era de costume na época, cuidava os filhos e da casa.

Dona Neuza, teve uma infância simples, mas como em relato ela diz: “Infância simples, mas feliz” (Tudo azul com Dona Neuza. P. 24.). A sua adolescência, também foi marcada por momentos tristes, perdeu o seu irmão caçula Eduardo, que faleceu aos oito anos de idade. Neuza, começou a estudar e fez do primário ao ensino complementar na cidade de Esperança. Mudou-se para Cuité, por sugestão de um amigo da família Jaime Pereira da Costa em 1951, devido a necessidade do seu pai - que estava passando por dificuldades financeiras - em expandir o comercio e consequentemente ter uma melhor condição de vida.

Já em Cuité, ela relata que “Era uma vida muito simples, mas uma vida gostosa. Tinha também as festas da padroeira, os pastoris no natal, eram festas que envolviam a cidade toda” (Tudo azul com Dona Neuza. P. 28.). Continuou sua vida estudantil no Instituto América, - criado no ano de 1952 e funcionou até 1970 quando cedeu lugar ao Colégio onde hoje funciona a escola Vidal de Negreiros – cursava pedagogia, chegou a lecionar história no Instituto América.

Neuza Bezerra, aos 15 anos.



Arquivo pessoal 1

Foi no Instituto América, que dona Neuza, conheceu Orlando Venâncio dos Santos – Nascido em 1926, foi advogado formado pela Faculdade de Direito do Recife, e político, foi prefeito de Cuité de 1955 – 1959, e também professor. -, começaram uma paquera, este namoro afetava diretamente a amizade familiar com Jaime Pereira, tendo em vista Orlando Venâncio ser o principal adversário político de Jaime, outro problema foi “a preocupação do meu pai era que comentavam que ele tinha um compromisso com uma moça em Campina grande” (Tudo azul com Dona Neuza. P. 24.).

O namoro rapidamente evoluiu para noivado, e aos 19 anos de idade, depois de pouco mais de um ano de noivado, se casaram em 09 de março de 1958 na cidade de Cuité, a cerimônia foi feita por Padre Barros, “Dessa forma, Neuza Bezerra Santos seguia, certamente, o padrão cultural comum reservado às mulheres da sua época” (Tudo azul com Dona Neuza. P. 24.), renovando assim a continuidade da sociedade patriarcal, é importante a observação que geralmente as mulheres ficavam com homens mais velhos, por que eles representariam a proteção, tendo em vista a mulher ser educada para o matrimônio.

Assim, começava sua vida pública, como Primeira Dama do Município de Cuité, acompanhando seu esposo a todos os eventos da prefeitura na época, e desempenhava papel social, indo ao encontro dos mais pobres e necessitados do município.

Foi indicada para ser a candidata a prefeita, e disputou a eleição. Cômicamente, Jaime Pereira da Costa, outrora amigo fiel da família, tornou-se em 1968 seu adversário, sendo ele o candidato da chapa de oposição, esta campanha é tida ainda hoje, como a campanha mais acirrada do município de Cuité, continuava então a disputa de décadas, Neuza, jovem e mulher, contra a histórica família Pereira.

A eleição de 1968, aconteceu na vigência do AI2, que extinguiu o pluripartidarismo – Como já foi tratado neste artigo – existia então apenas os dois partidos MDB e ARENA. O Jaime Pereira da Costa, era aliado ao então governador da Paraíba João Agripino Filho (ARENA), partido que acompanhava o governo da ditadura militar, é importante frisar que a família Pereira e Venâncio, são duas famílias tradicionais no município de Cuité, ambas disputavam o poder local desde 1937 que “Travam acirrada disputas eleitorais desde a emancipação do município, ocorrida em 25 de janeiro de 1937” (Tudo azul com Dona Neuza. P. 43.). As cidades do interior, geralmente são “dirigidas” por duas famílias, como diz José Adilson filho, no seu livro “Cidade Atravessada”:

“Os dois grupos políticos locais dispõem de estratégias bem elaboradas para produzir nossas identidades políticas, mediante a construção de um cenário e de um papel secundário a ser desempenhado na sociedade pela maioria dos seus cidadãos. Vale dizer que, embora tais identidades sejam construções históricas provisórias, elas ganham estabilidade, permanência e solidez através da força dos diversos tipos de capitais (econômico, social, político e cultural) que as elites detêm[...].”

Dr. Adilson escrevia nesse momento sobre a dominação de duas famílias em outra cidade do interior, mas que podemos usar para Cuité, a disputa seria então do ex-prefeito Jaime Pereira e a jovem política Neuza Bezerra, que desfrutava do apoio do seu esposo e ex-prefeito Orlando Venâncio, mas também do prefeito atual Cláudio Furtado.

Dona Neuza, marcava naquele momento a História da cidade, sendo a primeira mulher a disputar um pleito no município e a segunda a disputar a eleição majoritária na Paraíba. Em pleno AI5, Dona Neuza declara que tendo em vista a pacata cidade interiorana, não se tinha noção do que acontecia em nível nacional.

A participação feminina nas eleições não era bem vista, acreditava-se que a mulher não tinha condições para dirigir cargos de nível tão alto. Feminista e confiante, Neuza disputa a eleição com um homem, valeu-se do apoio feminino, mas sofreu repressão por ser mulher “O papel da

mulher ainda era de uma certa forma ‘obscuro’, e ouvi alguns comentários não tão delicados” (BEZERRA, Neuza. 2019)

Mãe, esposa e dona de casa, as mulheres viam em Dona Neuza a representatividade que necessitavam, nos comícios ela era recebida por uma multidão de mulheres, com flores, aplausos e gritos, inclusive realizou uma passeata das mulheres. “As mulheres agarraram a campanha como delas, elas me davam flores e estavam juntas comigo” (BEZERRA, Neuza. 2019). Em um desses comícios, um aliado usava da palavra, e vendo aquela multidão, vestida de azul – cor do partido – gritou “Tudo Azul com Dona Neuza”, esse passou a ser o slogan da campanha, essa cor tinha um duplo significado: A cor do partido, e para os cristão uma clara simbologia ao manto de Maria mãe de Jesus de Nazaré, a sociedade na época em suma maioria era cristã, então isso favoreceu muito a campanha de dona Neuza.

A campanha foi coordenada por mulheres, a equipe responsável: Elita Fonseca, Elza Furtado, Creuza Venâncio, Nitinha, entre outras mulheres cuiteenses que organizavam as palestras, e comícios. Surge a “Ala das Moças”, a equipe responsável pela campanha, realizaram também o grande evento de encerramento da campanha, ficou conhecida com “A passeata das moças azuis”, uma bonita representação feminina na cidade.

Passeata das moças azuis, 1968



Arquivo pessoal Neuza Bezerra

Uma participação do governador João Agripino, deixou os correligionários de Dona Neuza apreensivos, o governador teria dito em um comício “Doa a quem doer [...] mas o prefeito de Cuité será Jaime Pereira”, tendo em vista serem apoiadores do governo militar, começou a se pensar numa possível tomada do poder pela força. Mesmo com as ameaças, Dona Neuza não se acovardou, continuou a campanha. Confiante e muito fiel a sua religião no dia da eleição,

fez uma oração e segundo ela, atribui palavras de uma criança como ‘sinal celeste’: “Acordei cedo naquele dia, e fiz uma oração, logo após uma criança passou na rua e gritou ‘tudo azul com dona Neuza’, três vezes. Em seguida li o Salmo da vitória” (BEZERRA, Neuza. 2019).

A eleição aconteceu no dia 15 de novembro de 1968, contabilizado os votos Neuza Bezerra obteve, 2.587 votos, e Jaime Pereira, 2.153. Dona Neuza, vence historicamente a eleição, com 54,58% dos votos, tornando-se a primeira mulher a dirigir o município e a segunda na Paraíba. Esse número, segundo Dona Neuza não é o correto, ela garante que a maioria dos votos foi de 481, e não 434 como consta nos arquivos do TRE, inclusive no dia da “vitória” fizeram uma placa em comemoração como número ‘480’, em simbolismo a maioria obtida, e gritavam na passeata da vitória “480 foi a nossa maioria”.

Após receber o diploma e a “chave” da cidade, no Cartório Eleitoral, Dona Neuza, foi empossada em 31 de Janeiro de 1969, na Câmara Municipal de Cuité, a seção presidida por Osvaldo Venâncio dos Santos – Vereador eleito – que posteriormente passa a presidência da seção para Juiz eleitoral Dr. Ijalme Leite, que após ouvir o juramento da prefeita e do vice eleitos, declarou ambos empossados, Dona Neuza, fez seu discurso, com uma boa oratória como contra em ata nos anais da Câmara Municipal de Cuité: “A Prefeita, recém empossada que em bonita oração, saudou os presentes, e agradeceu a todos a honra que lhe confiaram”.

Neuza Bezerra concede entrevista, no dia de sua posse, 1969



Fonte: Arquivo pessoal Neuza Bezerra

Ao anunciar o a equipe que iria compor o seu governo, Dona Neuza, que naquele momento passara a ser chamada de “Madrinha Neuza”, deu local especial a mulheres, tendo por Secretária de Educação: Fátima Lima, e trabalhavam na parte administrativa: Ilze Alexandre, Marleide Fonseca e Violeta Barbosa. Enfrentou um duro problema, devido aos problemas sociais, a seca

assolava o nordeste brasileiro, o pacato município paraibano sofria também a falta políticas públicas.

Dona Neuza assume a prefeitura com o compromisso cuidar dos mais pobres, “Andando, eu vi muita pobreza, as pessoas eram tão pobres que nos doía ver aquela cena, nas casas só tinham um banco feito de madeira, e um pote de água, as sandálias eram finas, desgastadas pelo tempo” (BEZERRA, Neuza. 2019).

Devido a famosa Seca de 70, deixou fortes marcas na vida do Nordeste, que morria mais que o resto do país, a desnutrição infantil em índices altamente elevados, fazia morrer mais criança que nascer, Neuza faz então uma parceria com uma ONG chamada DIACONIA.

“A Diaconia é uma organização social brasileira, de inspiração cristã e sem fins lucrativos, comprometida com a promoção da justiça e do desenvolvimento social. Estamos presentes em comunidades urbanas e rurais do Nordeste, região mais afetada pelas desigualdades sociais no Brasil, com quase 10 milhões de pessoas vivendo em situação de extrema pobreza. Nosso compromisso é o serviço para transformar vidas, através do empoderamento de homens, mulheres, jovens e famílias agricultoras; e da mobilização de grupos sociais, igrejas e comunidades para efetivação dos direitos humanos.” (Site oficial do DIACONIA).

Essa Organização teve um caráter ímpar na construção de uma dignidade ao povo pobre do município “Nós pagávamos uma quantidade em dinheiro para ajuda-los, esse valor não era pago todo mês, mas recebíamos caminhões de roupas e alimentos, isso foi a salvação de Cuité, inclusive antes disso muita gente chegou até a saquear, por necessidade” (BEZERRA, Neuza. 2019).

Dona Neuza, teve um vasto feito de construção, fez 5 unidades escolares, sendo duas na zona urbana e três na rural. Além disso, tendo vista que o município necessitava uma escola, entrou em parceria com o governador da Paraíba e a escola veio a Cuité, “Fizemos o pedido ao governador Agripino, e fomos atendidos, e fundou o Estadual que posteriormente recebeu o nome de Orlando Venâncio, meu esposo, que foi um dos fundadores” (BEZERRA, Neuza. 2019).

Neuza Bezerra, ao lado do seu Esposo, Orlando.



Fonte: Arquivo pessoal

A medida que se ia adentrando nos quatro anos de mandato, ia aumentando a repressão que a ditadura militar causava, um município do interior paraibano não tinha tanta “noção” do que acontecia a nível nacional, mas a pacata cidade não escapou da mira dos militares, “Nós fomos investigados aqui no município, não fomos informados os motivos, mas eu não consigo lembrar as perguntas, mas, hoje nós já sabemos que o Brasil inteiro foi investigado naquela época” (BEZERRA, Neuza. 2019). O momento foi de repressão e censura, das maiores as menores cidades, todas eram investigadas, “Uma revolta que começou pelo Sul e tomou conta do país, a geração de hoje não tem noção do que aconteceu, ainda hoje tem gente desaparecida, e gente que sofre a procura dos seus entes” (BEZERRA, Neuza. 2019).

Os municípios deviam naquela época vender as ações da Petrobras, as cidades vizinhas venderam a preços baixos, Cuité contratou uma corretora e vendeu as ações “Tivemos que vender as ações, chamamos uma corretora e vendemos a mais ou menos quatro reais e alguns centavos” (BEZERRA, Neuza. 2019). Anos mais tarde, Neuza sofreu acusação de distorção ao dinheiro recebido, segundo Neuza Bezerra, os corretores foram pagos através do dinheiro recebido das ações, e no ano de 1976, alguns opositores denunciaram, e Neuza chegou a receber inclusive, voz de prisão.

“No ano de 76, eu tentava novamente o cargo ao executivo, no meio da eleição surgiu essa acusação, um certo dia, um senhor mandou avisar que eu saísse daqui pois iria receber voz de

prisão, foi um fato triste pela pressão política, mas passou e fui graças a Deus inocentada, e cumpri meu dever” (BEZERRA, Neuza. 2019).

Cinquenta anos depois, Neuza Bezerra é um símbolo do protagonismo feminino, histórica e eternamente marcada na história deste município, ela diz com orgulhosa nostalgia: “Eu abri de uma certa forma os caminhos, é importante a mulher cada vez mais na política, grandes nomes femininos surgiram, tivemos mais uma prefeita, várias vereadoras, e no país, inclusive uma presidenta”.

Neuza, uma menina que nasceu no interior paraibano, e fez revolução, em uma sociedade patriarcal e em um contexto histórico marcado pela participação apenas masculina, onde o homem ainda era tido como a figura central de tudo, ela surge como o “novo”. Foi sem dúvidas uma mulher que criou caminhos e vias para que outras mulheres pudessem surgir neste contexto político.

Dona Neuza ou madrinha Neuza, como ficou conhecida, a primeira prefeita do município de Cuité e a segunda do estado da Paraíba, é a marca de uma geração carecente de representação do protagonismo feminino, Neuza, o grito azul de liberdade de inúmeras mulheres, que guiadas por ela fizeram e fazem história e marcaram uma bonita página da história de Cuité.

Referências bibliográficas

MACHADO, C; NUNES, M. **Tudo Azul com Dona Neuza: poder e disputa local em 1968.**

Ed. 1. Cuité: UECE, 2019.

DIACONIA, **Quem somos?** Disponível em: <http://bemvindo.diaconia.org.br/>. Acesso em: 19 Out 2019.

Reis, Daniel Aarão. **Ditadura, anistia e reconciliação.** Est. Hist, Rio de Janeiro, vol. 23, p. 171-186, janeiro-junho de 2010.

BRASIL. Decreto-lei nº 21.067, de 24 de fevereiro de 1932. **Aprova o voto feminino do Brasil.** Diário Oficial da União - Seção 1 - 26/2/1932, Página 3385.

Adilson Filho, José. **A cidade atravessada: velhos e novos cenários na política belo-jardinense.** Ed. 1. Recife: COMUNIGRAF, 2009.

BORBA, A; FARIA, N; GODINHO, T. **Mulher e política: Gênero e feminismo no Partido dos Trabalhadores.** Ed. 1. FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 1998.

Anais da Câmara Municipal de Cuité

Fonte Oral

Entrevista concedida por Neuza Bezerra Santos a Victor da Rocha Silva Júnior (2019)